

N. CLASS. ....  
CUTTER .....  
ANO/EDIÇÃO .....

**FACULDADE TRÊS PONTAS – FATEPS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**  
**BRUNA RESENDE BRITO**

**O DESPERTAR DA SEXUALIDADE NA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Três Pontas**  
**2016**

**FEPESMIG**

**BRUNA RESENDE BRITO**

**O DESPERTAR DA SEXUALIDADE NA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação da Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto.

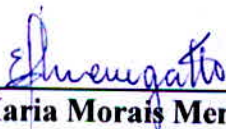
**Três Pontas  
2016**

**BRUNA RESENDE BRITO**

**O DESPERTAR DA SEXUALIDADE NA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas – FATEPS como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura sob a orientação do (a) Prof (a). Ma. Eliane Maria Morais Menegatto.

Banca em: ..... de..... de 2016.



---

**Profa. Ma. Eliane Maria Morais Menegatto**

---

**Profa. Esp. Magali da Gloria Silva Rezende Miranda**

---

**Profa. Esp. Ana Cristina Naves**

# O DESPERTAR DA SEXUALIDADE NA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bruna Resende Brito\*

Eliane Maria Morais Menegatto\*\*

## RESUMO

Este trabalho aborda sobre o tema sexualidade na Educação Infantil e como acontece a descoberta da mesma pela criança. Tal abordagem se faz necessária a fim de contribuir com uma maior conscientização em relação à sexualidade. A finalidade deste estudo é conhecer as curiosidades da criança Educação Infantil, a concepção dos educadores sobre a sexualidade e como lidam com este tema. Este intento será conseguido mediante a revisão bibliográfica de autores como Freud (1976); Camargo; Ribeiro (1999); Kupfer (1997) entre outros. O estudo demonstrou que a sexualidade faz parte do cotidiano dos seres humanos tanto na família quanto na escola e que muitas vezes pais e professores tem dificuldade de agir, diante das manifestações de sexualidade da criança. As crianças são dotadas de sexualidade, e a conscientização da família é imprescindível. Investir na formação acadêmica e continuada de professores da Educação Infantil, bem como no trabalho em conjunto da escola e da família, visando propiciar às crianças a experiência favorável de uma educação sexual emancipatória.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Educadores. Educação Sexual.

## 1 INTRODUÇÃO

É fundamental o entendimento que a definição de sexualidade, é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

A sexualidade é um tema complexo, de difícil discussão, sobretudo para crianças diante da curiosidade, a percepção diante das diferenças no próprio corpo e no corpo do outro,

---

\*Bruna Resende Brito – Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas - FATEPS. Email: buresende3p@gmail.com

\*\*Eliane Maria Morais Menegatto, Profa. Ma. do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Três Pontas - FATEPS.- Email: menegattoeliane@gmail.com



a descoberta das carícias e a fonte de prazer que o sexo representa, fizeram do assunto um tabu e algo que “não é conversa para crianças” contribuindo para aguçar a imaginação diante das informações.

O reconhecimento de que a sexualidade influencia pensamento, sentimento, ações e interações e, que a saúde física e mental, poderá de alguma forma melhorar o desconforto para se falar com a criança sobre sua sexualidade e a dos que com ela convivem.

A discussão sobre sexo precisa e deve se realizar como parte da vida, assim como todas as outras descobertas e assuntos trazidos pelas crianças, e tratada com continuidade, entendendo que existem fases do desenvolvimento psicosssexual, aqui abordados em Sigmund Freud (1856-1939), tem ritmos próprios que precisam ser respeitados.

O tema da sexualidade ao ser abordado na Educação Infantil, muitas vezes traz questionamentos sobre quais aspectos devem ser apresentados, por desconhecer como abordá-los. É importante que o educador tenha consciência de que não há respostas prontas a serem dadas.

A sexualidade infantil estabelece as bases para a sexualidade na adolescência e para a sexualidade da vida adulta, uma vez que esta é responsável por parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Influencia pensamento, sentimento, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental.

O trabalho a ser realizado pela escola de Educação Infantil deve encaminhar para uma intervenção no sentido de modificar posturas, desmistificar tabus e reformular conhecimentos e valores trazidos pelas crianças e adultos que interagem neste espaço, e, que os educadores busquem a formação adequada para a criança entender a sua própria sexualidade.

## **2 O QUE É SEXUALIDADE?**

A sexualidade está presente em tudo, na capacidade que o ser humano tem de sentir e se expressar, fazendo parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica, é a energia que motiva a se encontrar, a conhecer o contato e a intimidade, e se expressa nos movimentos das pessoas.

Torna-se importante a discussão em todas as etapas, principalmente nos primeiros anos da vida, fase onde as crianças começam a se despertar para as manifestações da sexualidade e a curiosidade em se conhecer.

A sexualidade das crianças sempre foi um assunto delicado e visto como difícil de ser abordado tanto por pais quanto professores.

Ao longo da história, a criança não tinha sua infância reconhecida, tanto é que realizava afazeres determinados para os adultos. O tema sexualidade é pouco falado, e por vezes cria embaraços para pais e educadores ainda se prendem a tabus e preconceitos já formulados, evitando, assim, um trabalho de reformulação de suas opiniões (CÓRIA-SABINI, 1986).

Continua a autora que (1986) a sociedade, durante muito tempo, tentou negar a existência de uma sexualidade na infância, causando distorções na educação das crianças (isso porque o sexo era visto somente como ato sexual). Atualmente, já não mais possível negar que o ser humano tem sua sexualidade desde o seu nascimento. O desenvolvimento dessa sexualidade faz parte do processo global de desenvolvimento de criança.

Segundo Nunes; Silva (2006, p.2) “Vivemos numa sociedade que, frequentemente, julga a infância como um período feliz, prazeroso e idílico da vida.” As crianças são vistas como livres de preocupações e de responsabilidades, sofrem com a falta de experiências e possuem necessidades de ajuda.

Todas as crianças são dotadas de sentimentos e desejos que vão despertando aos poucos diferentemente em cada um. A sexualidade está presente no cotidiano do ser humano desde o primeiro contato com seu corpo, a partir daí nascem curiosidades de como, porque e quando é necessário dar atenção a tal assunto (FREUD, 1976). Sabe-se que as crianças são naturalmente curiosas, especialmente a respeito da sexualidade. Estas são questões muito significativas para a construção da subjetividade e por estarem relacionadas ao conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, especialmente da criança, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. (BRASIL, 1997, p. 295).

Todos os seres humanos passam por diferentes etapas do desenvolvimento que os auxiliarão no conhecimento dos mesmos, dos próprios corpos e de tudo que se passa nele. Ressalta-se que a sexualidade se manifesta em todos independente de idade e sexo. É preciso conhecer melhor esse assunto e aprender a falar sobre ele com facilidade, de maneira apropriada, porém é compreensível acharmos que as crianças não possuem ligações com o mundo sexual (CALDERONE; RAMEY, 1995).



Segundo Block; Furtado; Teixeira (2001, p. 129) “Todos possuem uma energia que os impulsionam à vida. Esse movimento emocional ou de pulsação biológica do organismo como um todo corresponde ao seu movimento de vida, à sua força vital.” Sexualidade é, então, tudo isso, ou seja, movimento de prazer do organismo, seu movimento de expansão.

Segundo os autores na tentativa de proteger as crianças do que se julgavam características repulsivas da vida sexual, se esquece dos prazeres íntimos, pessoais, individuais, da tranquilidade e dos direitos a uma vida mais digna e humana, em seu sentido mais amplo

Por isso é importante estar atento às dúvidas e questionamentos das crianças, pois elas compartilham informações sobre sexo e nesta situação é preciso organizar as informações, corrigi-las se necessário, mas principalmente mostrar a ela que sempre que quiser poderá esclarecer suas dúvidas. Segundo Calderone; Ramey (1995), a presença de adultos afetivos e preparados para encarar com naturalidade e conhecimento as manifestações sexuais da criança é fundamental e contribuirá para humanizá-las mais.

## **2.1 O desenvolvimento da sexualidade na criança**

Como todos os outros aspectos do desenvolvimento, também a sexualidade passa por etapas, à medida que a criança cresce. Assim, qualquer criança, desde o nascimento possui essa energia que a torna viva, com necessidades básicas a serem satisfeitas a todo instante – alimentação, sono, temperatura adequada, carinho, proteção, aconchego, contato humano (BLOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Além disso, não havia contato algum com a educação formalizada, tinha apenas o cuidado que era de responsabilidade da figura feminina, a mãe e/ou outras mulheres (OLIVEIRA, 2008).

Diferentes autores tratam da importância do conhecimento da sexualidade infantil, dentre eles Freud (1976). O estudo de Freud mostra que naquele tempo, as crianças eram tidas como indiferentes, até mesmo “invisíveis”, pois não tinham alguém que se preocupasse realmente com as necessidades de seu desenvolvimento, porém quando Sigmund Freud (1896) propôs a ideia de uma infância que se afastava da tradicional, trazendo à tona uma criança dotada de afetos, desejos e conflitos, pôde-se entender o motivo pelo qual as crianças tinham tantas dúvidas, sobre seu próprio corpo.

Sigmund Freud (1856-1939) psiquiatra e neurologista austríaco é considerado o pai da Psicanálise. Utilizou o termo psicanálise pela primeira vez, em 1896 descreveu a sequência



típica das manifestações do impulso sexual. Em 1905, em seu livro “Três ensaios sobre a sexualidade”, Freud expõe suas ideias sobre a sexualidade infantil e tudo aquilo que era tido como anormalidade passa a ser visto como característica normal do desenvolvimento da criança, também fala que a transição de uma fase a outra é muito gradual; as fases se superpõem e sua duração varia de um indivíduo para outro (FREUD, 1905).

Para Kupfer (1997) as descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil provocaram indignação na sociedade conservadora do final do século XIX, sendo que nesta época a criança era como um símbolo de pureza, um ser assexuado. A sociedade vem, pouco a pouco, familiarizando-se e compreendendo as diferentes formas de expressão da sexualidade infantil. Sexualidade esta que evolui, segundo Freud, de acordo com etapas de desenvolvimento que ele denominou como fase oral, anal, fálica, latência e genital. Importante, pois, que se tenha conhecimento do desenvolvimento da criança, especialmente, do desenvolvimento psicosssexual, onde a criança é conhecida nessas etapas como:

**Fase Oral<sup>1</sup>:** Período: de 0 a 1 ano. Nesta fase a região do corpo que proporciona maior prazer à criança é a boca, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca é a maneira de descobrir o mundo. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê.

**Fase Anal:** Período: 2 a 4 anos. Neste período a criança passa a adquirir o controle dos esfínteres, a zona de maior satisfação é a região do ânus. A criança descobre que pode controlar as suas fezes. É nesta etapa que a criança começa a ter noção de higiene. É a fase das birras.

**Fase Fálica:** Período: de 4 a 6 anos. Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital. Inicialmente esta imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado (complexo de castração), e o menino pensa que o dele será arrancado também. Surge o ‘Complexo de Édipo’, no qual o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, e na menina ocorre o inverso.

**Fase de Latência:** Período: de 6 a 11 anos. A característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a criança passa a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

**Fase Genital:** Período: a partir de 11 anos. Nesta fase, há uma retomada dos impulsos sexuais, o adolescente passa a buscar, em pessoas fora de seu grupo familiar, um objeto de amor (FREUD apud MARTINI, 2010, p. 110).

Ressalta-se, pois, a partir dos conhecimentos trazidos por Freud, que essas etapas nunca se dão de um modo claro, existindo uma inter-relação entre as mesmas.

O estudo deste artigo enfatiza as crianças da Educação Infantil. Esta fase da criança pela teoria de Freud é quando a criança começa a se identificar com o sexo oposto, e este passa a ser fonte da libido.

---

<sup>1</sup> Todos os grifos, nosso.



Freud (1976) utiliza-se da teoria Freudiana para explicar esta fase, apresenta assim, que este [...] estágio é o da descoberta dos órgãos sexuais pelo menino e pela menina. De acordo com a teoria psicosssexual de Freud, a criança nessa etapa está na Fase Fálica.

Está presente, também, nesta fase o Complexo de Édipo, onde sentimentos e afetos com componentes de agressividade, fúria e medo, paixões, amor e ódio, oriundos dos desejos sexuais em relação aos genitores de sexo oposto que acontece entre os 5 e 6 anos de idade. Assim, ao entender o Complexo de Édipo, pode-se entender também, que o desenvolvimento não existe para aniquilar o desejo e sim para articulá-lo com a convivência social, embora o seu exagero possa trazer consequências negativas como as neuroses, uma vez que o desenvolvimento da sexualidade da criança poderá deixar suas marcas, que estarão presentes nas manifestações consideradas normais ou anormais da sexualidade adulta (FREUD apud MARTINI, 2010).

Por esse motivo, os autores explicam que neste período, a criança começa a apresentar sinais de sua preferência sexual. Toda criança, mesmo recebendo informações claras e corretas, criam dentro de suas cabecinhas suas próprias teorias sobre sexualidade, do descobrimento de seus órgãos genitais, da concepção, da gravidez, do nascimento e esse comportamento precisa ser respeitado. Surge também, nesta fase, a ideia de que todas as crianças têm pênis, mas, ao se depararem com as diferenças anatômicas acham que meninas não o têm porque foi arrancado e os meninos pensam que o deles será também (Complexo de Castração). De acordo com o exposto, Martini (2010) explica que nesta fase há também a descoberta dos órgãos sexuais e sua manipulação.

Calderone; Ramey (1995) dizem que o desenvolvimento da sexualidade possui um caráter vincutivo. Ele deve proporcionar a criança ir ao encontro do outro de forma prazerosa, responsável, respeitosa. É um momento de troca de afetos preciso, pois, será fundamental para que o indivíduo atinja um bem estar sexual na idade adulta.

A partir das teorias Freudianas, percebe-se que a criança com suas manifestações e desejos naturais, sem qualquer intenção ou malícia, precisa da educação sexual.

Se para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto sua curiosidade e fala são naturais e espontâneas, a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada. A atitude da família, dos educadores, suas reações diante da TV, com ou sem palavras, positivas ou negativas, já constituem educação ou deseducação sexual. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 58).

É importante ressaltar que as formas de viver a sexualidade sofrem influência muitas vezes do meio cultural. As crianças aprendem determinados comportamentos e atitudes dentro da própria cultura, que naquele ambiente, são considerados adequados para expressar seus impulsos e desejos sexuais, assim, merece atenção por parte daqueles que convivem com a criança (FREUD, 1976).

## **2.2 O diálogo da família como primeiro grupo social, e a criança**

A família é essencial na formação do ser humano e sua parceria com a criança facilita o desenvolvimento da mesma. Nunes; Silva (apud MARTINI, 2010 [S.p.]) pontuam que “os pais devem estar atentos a responsabilidade de preparar e enquadrar as novas gerações à sociedade em que vivem.”

A criança possui curiosidades e cria suas próprias dúvidas e conseqüentemente suas próprias explicações. E através de suas descobertas ela descobre o outro, e percebe que precisa se sentir para poder sentir o outro de uma forma harmoniosa e plena (KUPFER, 1997).

Para Muller (2013), depois do nascimento da criança, os pais são os principais exemplos, tornando-se os primeiros e fundamentais educadores sexuais de seus filhos. O ambiente familiar deve ser um lugar com aberturas, por mais difícil que pareça tratar do assunto é muito importante que os filhos se sintam encorajados a conversar sobre o tema, trazendo seus dilemas, dúvidas e expectativas. O ambiente familiar precisa ser o porto seguro da criança, para que a mesma tenha um local para recorrer sempre que necessário.

Para Camargo; Ribeiro (2009) é fundamental que a família seja um ambiente de discussão e de desenvolvimento mútuos, sendo capaz de iniciar conversas sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, além de trocar experiências e resolver conflitos sem violência.

Completa Suplicy (1990), que o prazer proporcionado pelo toque é muito importante para o desenvolvimento sexual da criança, mas muitas vezes essas atitudes não são aceitas, e nem estimuladas pelos pais, pois é a partir da relação pais e filhos, da troca de carinhos e afetos que a criança conseguirá desenvolver uma sexualidade sem preconceitos.

A presença da família é muito importante, pois qualquer atitude negativa ou de contestação em relação às descobertas da criança poderá prejudica-la futuramente. Ainda para esta autora, quando existem dificuldades entre os pais se relacionarem afetivamente com os filhos, os mesmos podem se tornar adultos com medo da intimidade afetiva. A criança que expressa sua sexualidade precisa de amor, aceitação e aconchego dos mesmos.



Antes de o bebê nascer, os pais já têm expectativas quanto a sua personalidade e ao seu futuro. Assim tenderão a educá-lo segundo estereótipos, em que o homem deve ser "durão" e a mulher dócil e submissa. Para ambos há profissões, formas de se comportar predeterminadas. Esse tipo de educação também pode gerar comportamentos sexuais preestabelecidos. (SUPLICY, 1983, p.44).

É preciso rever os papéis sexuais estereotipados para que as crianças possam viver de acordo com sua identidade sexual. A relação da família com a criança é de grande importância desde o início da vida, tudo o que acontece ao seu redor poderá influenciar em seu desenvolvimento sexual, por isso é de suma importância que a criança se sinta amada dentro daquele ambiente (SUPLICY, 1983).

Os pais ou pessoas que trabalham com crianças devem ter em mente que a masturbação é normal e faz parte do processo de conhecimento de seu corpo. O problema é que isto nos traz um certo desconforto porque é muito provável que nossos pais tenham nos dito que isto era feio ou para não fazer isto de novo. É difícil para os pais lidarem com essas situações, mas é necessário aprender para não serem severos. Não devemos olhar os atos infantis comparando com a dos adultos (KUPFER, 1997).

Ainda Kupfer (1997, p. 56) afirma que "A criança não faz nenhuma relação com o sexo em si, ela apenas sente prazer. Mais tarde poderá sentir-se culpada pela desaprovação dos pais ou pessoas que trabalham com elas e esta culpa poderá ser levada para sua própria experiência sexual." Freud coloca os pais como pessoas incompetentes para a tarefa da educação sexual preferindo que estes não se ocupem desta tarefa. Para ele, os pais esqueceram-se da sexualidade infantil e, se esqueceram, é porque houve repressão. Se houve repressão inevitavelmente algum recalque ainda permanece.

Então como agir mesmo com todas as nossas frustrações, recalques e conflitos ainda que inconscientes?

Os pais devem perder o medo de frustrar os filhos. Segundo Suplicy (1990, p. 49) "Uma criança de 4 ou 5 anos deve brincar, se vestir com roupas próprias para sua idade e assistir a programas infantis. Se ela perguntar coisas, apresentar manifestações inadequadas, fizer birra e quiser algo que os pais considerem inadequado, é preciso dizer não, com carinho e firmeza."

É no lar que o ser humano deveria ter sua primeira educação sexual. Uma criança falante e curiosa pode começar a mostrar interesse pelo sexo aos 2-3 anos, mesmo sem o uso da palavra. A maioria o fará com 4 e 5 anos de idade (SUPLICY, 1983). Nesta fase o que a criança quer saber é muito pouco, não é preciso explicar detalhes, mas também não minta, não brigue, não desconverse, explique o básico da linguagem para o entendimento. Muitos pais acreditam que as crianças não devem fazer perguntas sobre sexo por acreditar que não possuem idade suficiente para entender, considerando, portanto, um absurdo qualquer menção



a este assunto. Muitos adultos se escondem, sentem vergonha e a causa pode estar numa infância mal orientada.

Então, para que a criança tenha liberdade para falar sobre sexualidade no tempo certo é necessário que aqueles que convivem com ela tenham conhecimento do assunto e consiga estabelecer um diálogo.

Frequentemente em nossa cultura, as crianças são impedidas de abordar o tema sexualidade, incorporando muito cedo o tabu que a envolve. A informação necessária e adequada, que possibilite a construção/autoria dessa informação, faz com que as crianças se sintam tranquilas com relação às questões relacionadas à própria sexualidade e possam desenvolver-se, para tornar-se indivíduos conscientes dos valores e direitos. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 54).

É imprescindível, então, a conversa com a família é o primeiro grupo social a que a criança tem contato.

Segundo Suplicy (1983), com o apoio da família a criança desenvolve a sua sexualidade de forma positiva, deixando de lado preconceitos criados pela sociedade, cabe aos pais agirem com naturalidade desde as primeiras manifestações da sexualidade na criança. Cada criança tem um tempo e uma percepção e os pais devem respeitar esse tempo e usar o bom senso para responder as perguntas, dúvidas sobre a sexualidade.

### **3 SEXUALIDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR**

O tratamento do tema sexualidade sempre fez parte do cotidiano escolar, mas, precisa ser claro, para que seja tratado de forma simples e direta; amplo, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemático, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes (BRASIL, 1997).

Além de explicações sobre anatomia e concepção, as crianças da Educação Infantil vão aos poucos construindo ideias sobre cada gênero.

Por volta dos 2 anos, a criança percebe se é do sexo feminino ou masculino e, no contato com os adultos ao seu redor e pela mídia, aprende o que é ser menino ou menina em sua sociedade e, claro, tem contato com os rótulos associados a eles (CAMARGO; RIBEIRO, 2009). As autoras (p.156) tratam sobre este aspecto, “a escola tem um papel importante. A maneira como a instituição lida com as diferenças físicas e a igualdade de oportunidades são maneiras de ensinar o respeito à diversidade e de não reafirmar clichês questionáveis - como o fato de a menina ser passiva, e o menino, destemido ou mesmo autoritário.”



É muito importante a inserção deste tema no ambiente escolar, pois pode auxiliar o relacionamento entre professor e aluno quando se trata de intimidade.

Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes [...]. Eles percebem como objetivo da educação sexual, “aumentar informações”, “ajudar a desconstruir”[...] “quebrar tabus”, lidar melhor com a sexualidade na experiência própria e com os outros. (GUIMARÃES, 1995, p. 79).

É obrigação das escolas preparar os educadores, principalmente aqueles que atuam na educação infantil, para que construam uma postura diferenciada quando tratarem do assunto sexualidade.

Segundo Camargo; Ribeiro (1999, p. 39) “[...] as relações entre liberdade, autonomia e respeito á intimidade devem estar presente em todo o trabalho educativo [...]”. De acordo com estas autoras, com a presença na escola de educadores que compreendem a sexualidade e respeitam os alunos, as crianças passariam a ter uma visão diferenciada da sexualidade, não sendo estimuladas por outros assuntos.

É relevante educar a criança de uma maneira que não haja punição, porém mostrando-lhes limites. Não tratando as manifestações sexuais como indisciplina, malícia e reprimindo de maneira errada, pois pode até intensificar mais as manifestações (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

De acordo com Nunes; Silva (apud MARTINI, 2010) uma curiosidade não satisfeita vira ansiedade e pode gerar um distúrbio de personalidade, assim, é preciso que se satisfaçam as curiosidades, respeitando a criança, não os informando nem de mais e nem de menos, tratando a situação de forma clara e objetiva, é preciso, portanto ao educador preocupado com seus alunos submeter-se a uma reeducação sexual, relevando seus valores e buscando novos conhecimentos.

Ao educador e à educadora cabe ajudar a criança a desenvolver uma consciência de sua própria capacidade quando pretende realizar uma determinada tarefa. A criança tem o mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, usando o seu corpo. Dessa maneira sempre mostra uma curiosidade por satisfazer. E o corpo é a matriz da sexualidade. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 90).

Cabe ao educador mediar o conhecimento da criança com seu próprio corpo e suas curiosidades, procurando conhecer e entender o assunto antes de repassá-lo ao aluno.

Camargo; Ribeiro (1999, p.50) trazem considerações importantes sobre a necessidade de professores terem conhecimento sobre a educação sexual: “Os currículos dos cursos de

formação de professores deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções”. E continuam que

[...] é assim, a formação de educadores e educadoras tem de ser considerada não apenas quanto à produção teórico - científica que embasa o conhecimento sobre a criança, mas também quanto ao autoconhecimento. O preparo dos educadores implica o despertar de suas potencialidades, favorecendo a expressão de sua criatividade, de sua sensibilidade. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 51).

A formação do professor de hoje não consta assuntos aprofundados sobre este tema, por isso a inclusão deste tema dentro de sala de aula é precária e muito complexa de ser tratada. Nunes; Silva (apud MARTINI, 2010) afirmam que é importante repensar a formação do professor, porque é ele quem vai interferir na informação e formação da sexualidade das crianças e adolescentes. Para que a interferência do educador seja boa, ele precisa se preparar, estudar, ler, porque a manifestação da sexualidade pelos alunos é natural e faz parte do seu desenvolvimento e ele deve estar atento a todas essas manifestações.

Para Camargo; Ribeiro (1999, p.40) "O trabalho de educação sexual implica a discussão de questões sociais, éticas e morais e também de gênero". É necessário que esta discussão esteja presente em todo o trabalho educativo e, principalmente, naqueles que tratam da sexualidade.

### **3.1 Crianças da Educação Infantil: manifestações sexuais**

A sexualidade infantil se desenvolve a partir dos primeiros dias de vida e irá se manifestar de maneiras diferentes em todo período da infância. É possível identificar várias formas de manifestação sexual. Segundo Muller (2013), determinados comportamentos começam a ser vistos em crianças com a faixa etária entre 3 a 6 anos, como: tirar roupa em público, brincadeiras sexuais com amigos de sala, masturbar-se por prazer, uso de termos vulgares mesmo sabendo os nomes corretos das partes do corpo e introduzir objetos nas aberturas do corpo. Portanto, a sexualidade, assim como a inteligência, será construída desde as suas possibilidades pessoais até a sua interação com o meio social e cultural (BRASIL, 1997).

Algumas crianças trazem de casa costumes como tirar a roupa para fazer xixi num canto da rua quando estão muito apertadas, faz parte da bagagem cultural delas, são curiosas a ponto de querer conhecer o outro através de brincadeiras, uso de termos vulgares, pois escutaram em algum lugar, também a introdução de objetos nas aberturas do corpo apenas



para satisfazer uma curiosidade, cabe a um adulto ensinar onde e quando serão feitas as intimidades. Chama a atenção a necessidade que a criança tem de se masturbar, a manipulação curiosa e prazerosa das diferenças genitais é frequente (BRASIL, 1997), ressalta que a sexualidade infantil é diferente da de um adulto e suas manifestações são puramente aceitáveis e completamente normais.

A manipulação obedece a impulsos biológicos e psíquicos que satisfazem as crianças e lhes proporcionam uma apropriação sensorial de seu corpo e suas potencialidades. [...] É uma exploração prazerosa de sensações corporais, um fenômeno universal, inconsciente, inofensivo e deve ser compreendido como uma descoberta do próprio corpo e suas sensações. (NUNES; SILVA apud MARTINI 2010, [S.p.]).

Através da mediação, será possível identificar tais manifestações fazendo com que a criança consiga modificar e reafirmar pontos de vistas e princípios entendendo de modo significativo seu próprio código de valores (BRASIL, 1997).

A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela traz consigo para o mundo, e deles provêm. Através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave. (FREUD apud NUNES; SILVA apud MARTINI 2010, [S.p.]).

É dever do adulto que convive com essa criança compreender o motivo pelo qual a criança se toca e tentar orientá-la da melhor maneira. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), compete ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma clara e direta. No âmbito escolar é necessário que a escola perceba a necessidade que o aluno tem de expressar a sexualidade.

O esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre este tema, é importante, pois, contribui para que a criança entenda o que faz parte da sua intimidade e privacidade daquelas que são pertinentes ao convívio social.

### **3.2 Possíveis intervenções do professor no âmbito escolar**

Frente às manifestações sexuais infantis, o educador precisa adotar uma conduta para

intervir de uma maneira compreensiva, levando em conta os valores, dúvidas e questionamentos das crianças tornando possível o diálogo, a reflexão e a possibilidade de construir informações juntamente com elas.

Ao falar de sexualidade na Educação Infantil, o educador deverá estar atento a muitas questões, pois o assunto abrange muitos preconceitos, tabus e crenças. Além disso, a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com cada etapa do desenvolvimento (BRASIL, 1997).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997, p. 302) “É importante que os educadores reconheçam como são puras, por parte das crianças, a busca do prazer e as curiosidades acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.”

Na escola, o educador muitas vezes se vê em apuros diante das perguntas das crianças. Um caminho que pode facilitar esta conversa é entender o interesse delas e até onde elas querem saber. Assim, antes de qualquer resposta, pergunte: para que você quer saber sobre isso? Desta forma, ele poderá ir direto ao ponto, sabendo exatamente o que a criança quer saber. Assim, sua ajuda poderá ser mais efetiva, menos desconfortável e, poderá dar possibilidade de novos questionamentos (SUPLICY, 1983).

A educação sexual nas escolas possui vários desafios enfrentados na maioria das vezes por profissionais da educação, alguns educadores não debatem sobre o assunto com seus alunos. Entretanto existem educadores que conseguem apresentar e articular sobre o tema, e percebem a importância para o desenvolvimento das crianças (BRASIL, 1997).

A partir desta compreensão a sexualidade nas instituições escolares deve ser pautada no diálogo sobre o tema abordado, por meio de professores capacitados para exercer a tarefa formativa e informativa, com objetivo de transmitir às crianças informações corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua ao conceito do sexo ligado nos aspectos do afeto e do prazer (SUPLICY, 1983).

Se para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto sua curiosidade e fala são naturais e espontâneas, a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada. A atitude dos educadores, com ou sem palavras, positivas ou negativas, já constituem educação sexual. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p 58).

Para que a interferência do professor seja positiva, este deve estar disposto a se preparar, estudar, ler, pois, a manifestação da sexualidade pelos alunos é natural e faz parte do



seu desenvolvimento. O educador precisa compreender que a educação sexual está presente no cotidiano escolar e seu papel é fundamental para a formação do sujeito.

Para Muller (2013), “uma educação sexual de qualidade é aquela que pode originar constantes reflexões sobre temas coletivos ou individuais.” A escola deve ter uma visão aberta sobre as experiências vividas pelos alunos. É necessário reconhecer que a sexualidade na educação está ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, tendo em vista os diferentes modos do ser humano de abordar esse tema.

De acordo com Kupfer (1997) o desafio para o professor da Educação Infantil é enorme. Ao mesmo tempo em que deve preservar a intimidade das crianças e, não atribuir-lhes culpa por manifestações de sexualidade, ele é responsável por um processo educativo que aborde valores, diferenças individuais e grupais, de costumes e de crenças. Isso é fundamental tanto na infância como na adolescência, quando a questão ressurge a todo vapor.

A Instituição, portanto, deve oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares transmitidos (BRASIL, 1997).

#### **4 CONCLUSÃO**

Neste momento a descoberta da sexualidade pela criança da Educação Infantil fica clara e entende-se o quão ela é importante no desenvolvimento do indivíduo. Percebe-se ao longo deste trabalho que o educador interessado neste desenvolvimento infere este tema tão presente no dia a dia escolar, bem como utiliza dos seus conhecimentos para intervir de maneira positiva.

Concluimos que o conhecimento das curiosidades infantis é imprescindível e é necessário que haja uma maior conscientização em relação à sexualidade tanto do lado familiar quanto escolar.

Os educadores convertem suas concepções a partir da vivência diária e presenciam as etapas do desenvolvimento psicosssexual e a partir delas conseguem elaborar possíveis intervenções para que as crianças manifestem sua sexualidade.

Este artigo requer um maior aprofundamento, pois é um assunto pouco abordado, obras e trabalhos sobre este tema são relevantes para uma maior compreensão.

## **THE AWAKENING OF SEXUALITY IN EDUCATIONAL CHILD INFANT**

### **ABSTRACT**

*This work discusses about sexuality in childhood education and as happen the discovery of the same trough the child. This subject is necessary in order to contribute to a greater awareness in sexuality. The purpose of this study is to know the curiosities about childhood education, the conception of educators about the sexuality and how to deal with this issue. This purpose will be achieved by literature authors review as Freud (1976); Camargo; Ribeiro (1999); Kupfer (1997) among others. The study showed that sexuality is part of daily life of human beings both in the family, in school and often teachers find it difficult in act in child sexuality manifestations. Children are involved in sexuality and the awareness family is essential. Investing in academic and continuing education teachers, in working together with the family, order to provide children a favorable experience of an emancipatory sex education.*

**Keywords:** *Sexuality. Educators. Sexual education.*

### **REFERÊNCIAS**

BLOCK, Ana Maria; Bahia; FURTADO, Maria de Lourdes; TEIXEIRA, Odair. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia.** São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais, orientação sexual.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2015

CALDERONE, Mary S.; RAMEY, James W. Falando com seu filho sobre sexo. In: **Revista do Professor.** v. 129, n. 15. Ano 1995, jan-jun. Belo Horizonte, p. 15-17.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal.** São Paulo: Moderna, 1999. In: MARTINI; Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil: uma reflexão sobre a prática pedagógica em escolas públicas e privadas da cidade de Cambé-Paraná.** 2010. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. . Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/carolina%20aparecida%20martini.pdf>. > Acesso em: 28 Out. 2015

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia aplicada à educação.** São Paulo: EPU, 1986.



FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação : O Mestre do Impossível**, São Paulo: Scipione, 2010.

LOURO, Guacira. **Um corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MULLER, Laura. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013. Disponível em: <http://www.saraiva.com.br/educacao-sexual-em-8-licoes-como-orientar-da-infancia-a-adolescencia-4914833.html> Acesso em: 28 Out. 2015

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2000. In: MARTINI; Carolina Aparecida. **Sexualidade na educação infantil: uma reflexão sobre a prática pedagógica em escolas públicas e privadas da cidade de Cambé-Paraná**. 2010. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. . Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/Carolina%20aparecida%20Martini.pdf>. > Acesso em: 28 Out. 2015

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.